

Narrativas do jornal O Globo sobre as Farc na Colômbia: das conversações de paz à desmobilização da guerrilha

Antonio Sebastião Silva

*Jornalista, mestre pela PUC/SP, Doutor pela Universidade de Brasília (UnB), e professor do Curso Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA).
E-mail: antoniosilva@gmail.com*

Carolina da Silva Costa

*Jornalista, mestre em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.
E-mail: carolcosta-22@hotmail.com*

Matheus Moreira Pacheco

Estudante de graduação do curso de Comunicação Social /em Jornalismo – Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - CUA, E-mail: matheus-mp@hotmail.com

O presente artigo teve como objetivo verificar a estratégia utilizada pelo jornal O Globo para a construção da realidade política e social da América Latina, em três narrativas publicadas durante o período entre setembro de 2015 e novembro de 2016, sobre as Farc na Colômbia, as conversações de paz e a desmobilização da guerrilha. O Globo, objeto da pesquisa, torna-se importante nesta análise, em função de sua ampla audiência e circulação no Brasil, nas formas impressa e digital. O método utilizado para a análise das reportagens é a narratologia, apresentada no livro “Análise crítica das narrativas” de Luiz Gonzaga Motta (2013).

Palavras-chave: Farc; Colômbia; O Globo; Narrativas; Narratologia.

Narratives of the newspaper O Globo on the Farc in Colombia: from peace talks to guerrilla demobilization

The present article had as objective verify what is the strategy used by the newspaper O Globo for the construction of the political and social reality of Latin America, in three narratives published during the period between September of 2015 and November of 2016, on the Farc in Colombia, the peace talks and the demobilization of the guerrilla. O Globo, the object of the research, becomes important in this analysis, due to its wide audience and circulation in Brazil, in the printed and digital forms. The method used for the analysis of the reports is narratology, presented in the book "Critical analysis of narratives" by Luiz Gonzaga Motta (2013).

Key-words: Farc; Colombia; O Globo; Narratives; Narratologia.

Narrativas del Periodo El Globo sobre as Farc en Colombia: de las conversaciones de paz a la desmovilización de la guerrilla

El presente artículo tuvo como objetivo verificar la estrategia utilizada por el diario O Globo para la construcción de la realidad política y social de América Latina, en tres narrativas publicadas durante el período entre septiembre de 2015 y noviembre de 2016, sobre las FARC en Colombia, las conversaciones de paz y la desmovilización de la guerrilla. El Globo, objeto de la investigación, se vuelve importante en este análisis, en función de su amplia audiencia y circulación en Brasil, en las formas impresa y digital. El método utilizado para el análisis de los reportajes es la narratología, presentada en el libro "Análisis crítico de las narrativas" de Luiz Gonzaga Motta (2013).

Palabras-clave: FARC; Colombia; El globo; narrativas; Narratología

Introdução

A República da Colômbia é considerada a quarta maior economia latino-americana. Conhecida devido ao narcotráfico e aos conflitos internos envolvendo guerrilhas armadas, sua conturbada história política foi permeada por embates entre o governo e grupos guerrilheiros, em que a população civil, a mais afetada pelo conflito, se dividiu entre apoiar ou não às guerrilhas e aos órgãos de segurança estatal (Silva, 2016).

Entre 1948 e o fim da década de 1950, a Colômbia vivenciou um período denominado “a violência”, uma guerra civil particularmente atroz que provocou cerca de 200 mil mortes, a qual se conecta com o atual conflito (Pécaut, 2010). A violência partidária abriu caminho para a formação de grupos insurgentes armados e de inúmeras orientações, alguns muito politizados, outros menos, mas que se consolidaram no ambiente campesino.

Na memória coletiva, contudo, um acontecimento preciso constituiu o ponto de partida dos fenômenos de violência e formação de grupos armados: o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, em 1948, candidato à presidência do país pelo Partido Liberal e amplamente apoiado pela classe trabalhadora colombiana. Neste mesmo ano, seu partido havia perdido a eleição presidencial e, no âmbito de uma disputa que inicialmente era política – entre o Partido Liberal e o Partido Conservador –, após o assassinato de seu líder, se tornou militar. “As massas, por sua vez, não duvidavam de que a ‘oligarquia’ era responsável pelo assassinato. O medo de uns e a frustração de outros só acentuaram o clima de polarização social. Esse clima seria o pano de fundo para fenômenos de violência” (Pécaut, 2010, p.21-22).

Na metade da década de 1960, o mundo presenciou o início da rivalidade entre o governo colombiano e a autointitulada Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo, conhecida popularmente apenas pela sigla FARC. As hostilidades entre as duas partes começaram exatamente no ano de 1964, mediante uma disputa armada pelo controle da região de Marquetalia, localizada no departamento de Tolima, centro-oeste do território colombiano (Pécaut, 2010). Nesse contexto, houve ataques do Exército à Marquetalia, uma zona de “autodefesa” camponesa formada sob a influência dos comunistas, e também a resposta a tais ataques, o que criou diversos focos de guerrilha.

As FARC constituíram-se oficialmente com esse nome em setembro de 1966. Tratava-se, porém, da oficialização de um processo em curso havia algum tempo. De inspiração marxista-leninista e bolivariana, as FARC, classificadas como uma organização terrorista em diversos países, com destaque para os Estados Unidos da América, se firmaram, ao longo dos anos, como o maior e mais poderoso grupo revolucionário do continente sul-americano. Embora, inclusive

na Colômbia, outras organizações paramilitares de esquerda tenham buscado a tomada do poder pela luta armada, as FARC foram a de maior destaque, tendo sido capazes de dominar por completo amplas regiões do território daquele país, sobretudo as zonas rurais e fronteiriças. Além disso, envolveram-se também na economia da droga, transformaram os sequestros em prática rotineira, desenvolveram formas de dominação que já não consistiam em proteção, mas em intimidação, quando não em terror, fatos que contribuíram para a diminuição do prestígio do grupo diante da população.

Nos últimos anos, contudo, diálogos entre o governo colombiano e os líderes da guerrilha resultaram no cessar-fogo e em conversações que levaram a um acordo de paz assinado em Cuba, em 2015. Mais de 50 anos após o início das hostilidades, o estágio atual é de desmobilização e desmilitarização da organização, que passa a ser um partido político.

O conflito foi e ainda é amplamente difundido nos grandes meios de comunicação do planeta. No Brasil, os episódios sobre as FARC foram noticiados pelos mais diversos veículos, dentre eles o jornal *O Globo*, o qual publicou diversas narrativas sobre o conflito na Colômbia ao longo dos anos.

O veículo carioca objeto desta análise é importante em função de sua ampla audiência e circulação no Brasil, nas formas impressa e digital. Sua escolha como objeto da pesquisa se justifica pela credibilidade que ele possui diante de seu público, o que permite, além de organizar o sistema social, ter grande influência política na formação da opinião pública e da visão de mundo da sociedade. “O jornal, considerado um dos três maiores do Brasil em termos de circulação, apresenta-se como um representante dos oligopólios midiáticos transnacionais que vêm dominando o cenário mundial das comunicações” (Mendes, 2008, p. 11).

Portanto, com o objetivo de compreender as narrativas do jornal *O Globo* acerca do processo de paz e de desmobilização da guerrilha, este trabalho tem como objeto de pesquisa três reportagens veiculadas entre os meses de setembro de 2015 e novembro de 2016. A partir dessas narrativas, procurou-se verificar qual a estratégia utilizada pelo jornal *O Globo* para construção da realidade política e social da América Latina. O método de análise a ser seguido será o narrativo da ver-tente de Luiz Gonzaga Motta (2013), com o intuito de conhecer a estória relatada.

A Mídia e o seu Poder Simbólico

Segundo Thompson (1998), nos primórdios da história da humanidade, a comunicação se deu majoritariamente através da interação face a face. Nesse cenário, a cultura e a tradição ficavam restritas a um curto alcance geográfico, pois dependiam de uma forte aproximação entre indivíduos que viviam em um processo constante de intercâmbio de experiências.

Assim, por milhares de anos, houve um contexto social em que a interação entre os indivíduos foi muito mais localizada no espaço e ampla em seu conteúdo, ou seja, os seres humanos em suas interações se expressavam mais abertamente. “As tradições orais dependiam para sobreviver de um contínuo processo de renovação, através de histórias contadas e atividades relatadas” (Thompson, 1998, p. 77). Assim, antes do advento dos meios de comunicação modernos, a altíssima proximidade entre os indivíduos e a necessidade do diálogo constante entre eles eram a base de suporte das tradições orais.

Na modernidade, especialmente a partir de meados do século XIX, o fluxo internacional de informações se intensificou e, com o surgimento de novas tecnologias, propiciou o desenvolvimento de um complexo sistema global de comunicação. “Foi no século XIX, portanto, que a globalização se firmou” (Thompson, 1998, p. 137). Nessa conjuntura, a comunicação entre os seres humanos ganhou um novo caráter, dissociando-se do espaço físico e permitindo a interação entre indivíduos que não compartilham do mesmo ambiente espacial ou temporal.

Hoje, nos deparamos com o fenômeno da *mass media*, atribuída por Thompson (1998, p. 79) ao aparecimento da “quase interação mediada”, que se refere às “relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão, etc.)”. Este tipo de interação é característico da mídia moderna, na qual um único indivíduo, ou seu coletivo, é capaz de direcionar seus discursos para um número indefinido de pessoas. Nesta perspectiva, observa-se que o diálogo dá lugar aos monólogos midiáticos da vida contemporânea, nos quais milhares e até milhões de pessoas acompanham ao mesmo tempo, de lugares diferentes, os discursos de um mesmo enunciador (Thompson, 1998).

A mídia, ao construir as suas narrativas, concede ao indivíduo uma versão arquitetada através de filtros culturais e técnicos, ou seja, as notícias e reportagens têm grande papel na formação da opinião pública e na produção de conhecimento. Neste sentido, Bourdieu (1989) aponta, nos meios de comunicação de massa, um poder simbólico. Ele define esse poder como “o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo” (Bourdieu, 1989, p. 14). Assim, a produção midiática é também cultural, tendo uma dimensão irrepreensivelmente simbólica.

Para Bourdieu (1989, p. 15), o poder simbólico deriva da “crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia”. O mesmo autor classifica esse poder como instrumento dos sistemas simbólicos que “cumpram a sua função política de instrumentos de imposição e de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica)” (Bourdieu, 1989, p. 11).

A rigor, os veículos de comunicação de massa têm grande alcance na sociedade. Como destaca Bourdieu (1989), eles têm o poder de construir a realidade social, definindo os aspectos de cada acontecimento de acordo com suas próprias concepções, em uma relação de reciprocidade entre o enunciador e seus interlocutores, onde há, entre esses últimos, um consenso sobre a legitimidade do discurso do primeiro.

De fato, o poder simbólico se equivale a outros tipos de poder, como os poderes econômico, político e coercitivo (Thompson, 1998). “As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrer, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva” (Thompson, 1998, p. 24).

Para Silverstone (1999, p. 264), contudo, “estudamos a mídia pela necessidade de compreender quão poderosa ela é em nossa vida cotidiana”, porque “as coisas estão mudando, e a mídia cambiante é tanto causa, quanto consequência dessas mudanças”. Portanto, estudar os meios de comunicação e seu poder de construção da vida política e social é um imperativo para os pesquisadores da comunicação.

Metodologia Da Análise Crítica Do Jornalismo

A metodologia utilizada para a análise das reportagens neste trabalho é a narratologia da vertente de Luiz Gonzaga Motta (2013), a qual permite reconstruir o objeto através de alguns procedimentos e técnicas de interpretação dos discursos. Estes são identificados no texto através de estratégias utilizadas pelo narrador para convencer o leitor de seu posicionamento.

A rigor, Motta considera que todo discurso é poder, um poder que se exerce na relação entre quem fala e quem escuta, desta forma, o mesmo autor destaca que a “análise rigorosa e sistemática da comunicação narrativa no contexto de sua configuração pode revelar esse jogo de poder, descortinar a correlação de forças que se exerce nas relações discursivas interpessoais e coletivas” (Motta, 2013, p.15). Assim, nesse jogo, o que vale são os papéis desempenhados pelos personagens ali presentes, em uma oposição entre protagonistas, antagonistas e seus adjuvantes.

É importante destacar que as narrativas produzidas pela mídia, como parte do processo de criação de uma representação da realidade, através de um projeto dramático argumentativo, é um dispositivo argumentativo que visa seduzir e envolver o interlocutor, desvelando intencionalidades que lhe são implícitas. Trata-se de artimanhas que não precisam ser deliberadas para existirem, são naturais do processo enunciativo. Por isso, a análise é feita a partir de um instrumento interpretativo, uma técnica hermenêutica que revela processos de repre-

sentação e de constituição da realidade historicamente situadas.

Neste trabalho, o produto jornalístico selecionado para ser o objeto de análise são três reportagens veiculadas pelo jornal *O Globo*, entre os meses de setembro de 2015 e janeiro de 2017: “Colômbia e FARC anunciam acordo histórico de justiça e assinatura de paz até março” (13/09/2015); “Colômbia diz não à paz com as FARC” (03/10/2016); “Colômbia e Farc assinam novo acordo de paz sob protestos” (24/11/2016).

A seleção destas reportagens para serem analisadas se deu mediante pesquisa no site oficial do Jornal, por meio da janela de busca, quando se procurou reportagens a partir da frase: “FARCS - das conversações de paz à desmobilização da guerrilha”. Desta forma, chegou-se a algumas matérias; delas, selecionaram-se apenas as reportagens, para compor o recorte da nossa pesquisa.

As narrativas jornalísticas, reportagens, enquanto objeto, de acordo com Motta (2013) podem ser analisadas a partir de três instâncias expressivas e significativamente, sendo elas: a) plano de expressão; b) plano da história ou conteúdo e c) plano da metanarrativa. Estas instâncias não são classificadas de maneira hierárquica pelo autor, mas são separadas de forma operacional para compor um método que facilite a análise.

Toda a superfície do texto, na qual o discurso é proferido pelo narrador através dos atos de fala, sua produção narrativa, além do uso de estratégia de linguagem com o intuito de produzir efeitos de sentido, refere-se ao plano da expressão. É neste plano que se pode observar as estratégias argumentativas e expressões utilizadas pelo jornalista na construção dos enunciados.

Já o conteúdo, a sequência de ações, os encadeamentos, o enredo, a intriga e os personagens fazem parte do plano da história. Trata-se do plano virtual da história imaginada em nossa mente por meio da representação e do universo de significados. A rigor, o plano da expressão e o plano da história estão fortemente ligados, isto é, é possível revelar as intenções comunicativas do narrador através da análise dos dois planos. O terceiro e último plano é o da metanarrativa, uma estrutura profunda que evoca imaginários culturais, e está associado a fatores abstratos como ideologia, cultura, moral e ética.

A análise se inicia a partir da leitura das reportagens, de modo a compreender o fio da narrativa, compondo e recompondo a história com o intuito de identificar as sequências básicas e os pontos de virada. Para Motta, o fio da narrativa refere-se ao “percurso que um incidente ou uma trilha que uma sucessão de incidentes, traça dentro da massa de histórias, tecendo uma trama principal” (2013, p. 37). Assim, por meio da reconfiguração da narrativa se conhece o projeto dramático, os conflitos existentes na configuração da intriga, e, ao conhecer as partes que compõem a história, é preciso recontá-la de maneira resumida, no formato de

uma *storyline*, descrevendo os pontos de virada, as estratégias e os personagens que compõem a trama. Após evidenciar as estratégias do narrador e como ele convence o leitor com o seu enquadramento, conseguiremos compreender como o jornal *O Globo* constrói a realidade política e social da América Latina em relação ao caso FARC na Colômbia.

A próxima etapa é de análise dos personagens, fontes utilizadas nas reportagens que aparecem nos textos e são consideradas como uma “figura central da narrativa e eixo do conflito em torno do qual gira toda intriga” (Motta, 2013, p. 63). Eles são dotados de ações e referências que geram o conflito e encaixam a trama. Deste modo, é essencial classificá-los como: antagonistas e seus coadjuvantes; protagonistas e seus coadjuvantes; e personagens neutros. Nesta perspectiva, é necessário pontuar que a análise de uma narrativa não se refere à realidade, “mas a respeito da realidade e como a representação produz efeitos retroativos sobre a própria audiência e a sociedade” (Motta, 2013, p.84).

De maneira a dar sentido para esta classificação, sublinha-se que os protagonistas da narrativa são os personagens que *O Globo* dá poder de voz, ao mesmo tempo em que constrói uma narrativa favorável a eles. Do outro lado estão os antagonistas que, apesar de dispor de certo poder de voz nas narrativas, enfrentam um discurso contrário ao seu posicionamento na estória por parte do jornal. Sendo assim, os personagens neutros são os considerados isentos, apartidários nas narrativas, em outras palavras, não aparecem vinculados ao protagonista e nem ao antagonista da estória.

A última etapa desta metodologia se trata de revelar as metanarrativas existentes no interior dos textos jornalísticos, ou seja, evidenciar quais são os discursos ideológicos, a moral, a base cultural e a ética presentes nas narrativas. Esta etapa do procedimento metodológico se torna mais clara no final do processo de análise.

Narrativas Do Jornal O Globo

No decorrer das narrativas de *O Globo* sobre os diálogos de paz entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, o que se observa é que há um direcionamento para um acordo final de reconciliação e o interesse na manutenção do poder e da ordem política atual. Este direcionamento pode ser observado a partir do recorte proposto para este artigo.

As FARC são descritas, nas estórias de *O Globo*, como um grupo guerrilheiro insurgente de causas meramente subversivas que deixou a Colômbia em caos e violência, barrando seu potencial desenvolvimentista. Porém, apesar dos problemas causados ao país durante anos, a guerrilha é apresentada pelo narrador como uma organização que está à disposição para as negociações em favor da construção de um futuro promissor “aos colombianos que sonham com a paz”.

“Colômbia e FARC anunciam acordo histórico de justiça e assinatura de paz até março”¹, reportagem que foi ao ar no dia 23 de setembro de 2016, revela que o fato exposto no próprio título da narrativa viria através de um pacto inédito que abriria caminho para a reparação de vítimas e punições. Nela, *O Globo* apresenta o anúncio, em Havana, por parte do governo da Colômbia, presidido por Juan Manuel Santos, e de negociadores das FARC, liderados por Timoleón Jiménez, conhecido como “Timochenko”.

No fio da estória, o narrador conta sobre os acontecimentos relacionados às conversações entre os personagens principais (governo e guerrilha) e chama a atenção para os produtos desse acordo, tais como “o reconhecimento pelas FARC de seus crimes e a aceitação dos mecanismos judiciais para as vítimas”, em uma “complexa questão de justiça para os delitos cometidos” e “indenização e punições”. Nesta perspectiva, para o narrador parece clara a divisão temporal da história do país vizinho entre os períodos do *conflito* e do *pós-conflito*, em que, no primeiro momento, as FARC, personagem até então antagonista, causam enormes prejuízos ao governo e ao país em geral, que sempre esteve em desacordo com os ideais subversivos do grupo. No segundo momento, esses delitos são reconhecidos pelo grupo como realmente terríveis e punidos por intermédio de um acordo final de justiça, estabelecido por uma “jurisdição especial, com magistrados colombianos e estrangeiros dos mais altos requisitos”. Na sequência, conta o narrador que o acordo trará “a transformação das FARC em um movimento meramente político”, após a mesma reconhecer seu papel negativo na história daquele país.

Seguindo o enquadramento dramático, em Havana, relata o personagem protagonista, presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, que “chegamos a um acordo que me permite dizer com convicção que vamos conseguir o máximo de justiça possível para os meus compatriotas”. Enfatiza o narrador que Santos está positivo com a finalização do acordo na afirmativa “comemorou Santos”, e que reconhece o “passo que deram as FARC. Avançamos em uma mesma direção, a mais nobre de uma sociedade: a da paz”. Na sequência, o narrador descreve que “o Congresso e um referendo popular ratificarão os termos do pacto”, atribuindo certeza a um processo de conciliação futura entre as partes.

Na construção do enquadramento imagético, há algumas imagens apresentadas ao longo da narrativa, sendo quase todas mostrando negociadores do governo colombiano e das FARC, e as demais, de personagens que comemoram o acordo. A imagem em destaque na narrativa aparece logo após o título da matéria “Colômbia e FARC anunciam acordo histórico de justiça e assinatura de paz até março”, na qual Manuel Santos, presidente da Colômbia, Raúl Castro, presidente de Cuba, e Timoleón Jiménez, líder máximo das FARC, aparecem em um aperto de mãos. Verifica-se que esta imagem dialoga com a fala do personagem

1. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/colombia-farc-anunciam-acordo-historico-de-justica-assinatura-de-paz-ate-marco-17578593>. Acesso em: 04/02/2018.

protagonista Santos, que comemora dizendo que “a paz está perto à mão”.

No desfecho desta narrativa, o jornal se revela à reconciliação e, desta forma, finaliza a reportagem com a voz do personagem adjuvante do protagonista, secretário de Estado dos Estados Unidos da América, John Kerry afirmando que “os anúncios de hoje representam um progresso histórico para o fim de mais de 50 anos de conflito armado”. Em outras palavras, o narrador ressalta que a partir do pacto, a paz estará mais perto do povo colombiano e de milhões de vítimas.

Na sequência da narrativa, a reportagem publicada no dia 03 de outubro de 2016, intitulada “Colômbia diz não à paz com as FARC”, revela mais uma vez o direcionamento que o narrador dá à trama. Para tratar da negativa dada ao acordo de paz, em referendo, pela maioria da população daquele país, o jornal dá um tom claramente dramático ao “não” da população. Na narrativa de *O Globo*, o retardamento do fim do conflito é tomado como uma decepção para o governo colombiano, para as vítimas do conflito e até mesmo para a comunidade internacional.

Tecendo a trama ao longo desenvolver da estória, observa-se que o narrador busca estabelecer argumentos que sustentem os motivos e as razões possíveis do resultado da votação do referendo, como a “enorme abstenção, que manteve longe das urnas mais de 60% dos eleitores, e a forte campanha contra o acordo, que se intensificou nas últimas semanas”. Destaca o jornal que o principal responsável contra a reconciliação com a guerrilha é o personagem antagonista ex-presidente Álvaro Uribe, que “questionou o acordo antes da votação, acusando o governo de coagir prefeitos, obrigando-os a boicotar a campanha pelo não”. Na voz do maior nome da oposição ao acordo no país, Uribe, “a paz é ilusória e os documentos de Havana, decepcionantes”.

Seguindo o mesmo lado da narrativa, como adjuvante do antagonista, Felipe Botero, professor da Universidade dos Andes, conta que a derrota do “sim” no referendo revela que “a maioria dos colombianos quer prisão para os integrantes das FARC”, alegando que “a ideia de que o acordo representava total impunidade” foi instalada na Colômbia, e completa dizendo que não sabe “se o acordo será jogado no lixo ou pode ser salvo”.

Na trama, já do lado daqueles que defendem o acordo de paz, o jornal dá voz a especialistas e pesquisadores que apresentam alguns argumentos que justificam o fato de o resultado do referendo popular, marcado por alta abstenção, ter sido o “não”. Personagem coadjuvante dos protagonistas (negociadores) na narrativa, a analista política María Victoria Duque, com grande poder de voz, defende que um dos motivos é que as “grandes cidades há muito tempo não sentem os efeitos do conflito e não conhecem a dor, o medo e a falta de liberdade da zona rural”, e fala em “falta de empatia”. A personagem também, ao final da narrativa, ressalta que o resultado “foi um golpe muito duro, uma enorme vergonha para a

2. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/mundo/colombia-diz-nao-paz-com-as-farc-20222239>>. Acesso em: 04/02/2018.

Colômbia”, e complementa dizendo ser necessário “pedir perdão à comunidade internacional”.

Na narrativa, o líder das FARC, Timochenko, também tem voz e “lamenta profundamente que o poder destrutivo daqueles que semeiam o ódio e o rancor tenham influenciado a opinião do povo colombiano”. Aqui, o narrador enfatiza o descontentamento do grupo guerrilheiro, que reconheceu suas falhas no passado, e que agora tenta estabelecer um pacto de paz. Além disso, por meio desta fala, o narrador passa a ideia de que parte da culpa da vitória do “não” é de responsabilidade do ex-presidente Uribe, pois questionou o acordo antes da votação e clamou o apoio da população às ruas pelo “não”. Na sequência, o narrador destaca ainda, a intenção nobre das FARC. “Mantemos nossa disposição de usar somente as palavras de construção do futuro. Aos colombianos que sonham com a paz, contem conosco. A paz triunfará”, diz o líder Timochenko.

Na composição imagética o narrador apresenta apenas uma fotografia, a qual aparece logo no início da matéria. Trata-se de pessoas apoiadoras do acordo aos prantos, em razão do resultado do referendo. Com efeito, verifica-se que há uma clara oposição entre a informação trazida pelo título da reportagem “Colômbia diz não à paz com as FARC” e o que mostra a imagem, como descreve sua legenda, atribuindo um caráter negativo ao resultado da consulta: “resultado inesperado” e “apoiadores do acordo de paz com as FARC choram com divulgação de resultado do referendo”.

A rigor, o enquadramento dramático do narrador segue inalterado, isto é, o jornal narra a estória destacando um discurso favorável ao acordo de paz. O poder de voz dado aos personagens protagonistas, sobretudo a María Victoria Duque, maior do que o poder dado aos personagens antagonistas, aqui representados por Álvaro Uribe, não é em vão, pois corrobora com o discurso de *O Globo* a respeito do tema principal. Discurso esse, que também se apresenta no âmbito da imagem elencada nesta narrativa, em que se destaca todos aqueles que se posicionam favoráveis ao acordo e, conseqüentemente, decepcionados com o “não”.

Segue o desfecho da estória com a narrativa “Colômbia e FARC assinam novo acordo de paz sob protestos”¹, publicada no dia 24 de novembro de 2016. Desta vez, o jornal conta que o acordo foi aprovado “em uma cerimônia mais simples e discreta do que a realizada para a assinatura do primeiro pacto”. “A paz nos devolverá a esperança, a fé no futuro e a possibilidade de ter uma vida melhor para nós e nossos filhos”, diz o protagonista Santos, em citação, destacado na reportagem como o presidente que foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz por seu afincamento em encerrar o conflito. Observa-se claramente aqui, neste ponto da narrativa, que o narrador ressalta o protagonismo do personagem na estória, na busca pela paz e a justiça para o povo colombiano.

1. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/colombia-farc-assinam-novo-acordo-de-paz-sob-protestos-20532990>>. Acesso em: 04/02/2018.

No fio da estória, o narrador cita a resistência da oposição liderada por Uribe, em aceitar o acordo final, pois, segundo este último, é preciso “mudanças mais profundas na nova versão”. Conta o narrador que após Santos rejeitar um novo referendo para ratificar o acordo, Uribe “clamou por protestos de rua e pode boicotar o debate no Congresso sobre o novo pacto”. Aqui, *O Globo* enfatiza que o antagonista na estória não permanece estático, mas realiza ações de modo a questionar e atrapalhar as negociações de paz.

Na sequência, de modo a dar continuidade ao enquadramento narrativo do jornal, dá-se voz ao personagem protagonista líder das FARC, citando-o acerca de que “o silenciamento de posições ideológicas, apenas colocará fim de maneira definitiva à guerra, para confrontar civilizadamente as contradições”. Novamente as FARC, que no período histórico do conflito eram consideradas como antagonistas pelo narrador, no momento atual (de pós-conflito e negociações de paz), é apresentada como protagonista que deseja estabelecer um ‘fim de maneira definitiva à guerra’.

Na composição imagética, apesar dos protestos, aparecem os negociadores do acordo na celebração da assinatura dos termos de paz, dialogando com o título da matéria. Nesta mesma linha, observa-se que o jornal não dá qualquer espaço para imagens que representem os anseios da oposição ou qualquer manifestação contrária a assinatura do pacto.

Como plano de fundo da estória das narrativas de *O Globo*, verifica-se que há um enquadramento dos personagens protagonistas e seus adjuvantes envolvidos na trama e a construção de um discurso em favor do acordo de paz e a desmobilização da força rebelde. Neste sentido, observa-se nas entrelinhas que para as FARC este processo pode transcorrer lentamente, considerando-se que, após tantos anos de luta, os guerrilheiros estão dispostos a esperar o tempo necessário para alcançar suas demandas e objetivos. Cabe aqui pontuar que desde a fundação das FARC, como nunca deixaram de lembrar, seu objetivo é a chegada ao poder ou, pelo menos, a instauração de um governo que promova mudanças sociais e políticas estruturais e, assim, ponha-se fim à dominação da oligarquia, como conta o narrador que o “movimento rebelde de 7 mil membros abandonará as armas e formará um partido político”. Em contrapartida, para o governo, este processo de negociações é marcado por um senso de urgência, como pode ser confirmado no decorrer do fio da narrativa. Destaca-se que a pressa do governo em estabelecer soluções concretas para o conflito é pautada pelos anos de mandato do presidente, que deseja manter seu grupo no poder, e, desta forma, determinam o prazo disponível para atingir os acordos.

Assim, o posicionamento ideológico de *O Globo*, que se apresenta no interior das narrativas, está na intenção de contribuir para a manutenção da ordem

e do poder político atuais, cujas as reportagens constroem a realidade política e social da América Latina, com ênfase no cenário sócio-político da Colômbia, em que o grupo político liderado pelo presidente Santos busca estabelecer um acordo com as FARC e conseqüentemente, a paz no país e na região.

A rigor, ao longo das três estórias narradas pelo jornal, o enquadramento do narrador permanece o mesmo, de modo que ele possa sustentar um discurso favorável ao acordo de paz, fazendo com que os personagens que se posicionam contrários a ele sejam considerados como antagonistas. A narrativa de *O Globo* acerca das conversações de paz e da conseqüente desmobilização do grupo guerrilheiro, parece desenrolar-se em direção a um fim, embora, apenas no que diz respeito ao conflito, pois nesta última narrativa, veiculada no dia 24 de novembro de 2016, o narrador ressalta que “um fim à guerra com as FARC dificilmente irá acabar com a violência na Colômbia, já que o negócio lucrativo da cocaína deu ensejo a gangues criminosas e traficantes perigosos”.

A trama do conflito parece, portanto, dar lugar a uma nova estória, cujo tema emerge, desta vez, da questão do tráfico de drogas. Vale pontuar que a economia da droga há trinta anos mantém seus efeitos corrosivos, alimentando todos os protagonistas do conflito armado, exacerba as disparidades sociais e está por trás de novos modos de maleabilidade e fluidez institucionais que, em vez de contribuírem para a estabilidade, engendram crises reiteradas.

Nesta perspectiva, como pano de fundo, o apoio dos EUA ao atual cenário colombiano possivelmente está vinculado ao interesse de manter o controle e ter grande influência local, já que o país norte-americano tem base militar na região e busca, como um dos objetivos da sua política externa, acabar com o narcotráfico e, desta forma, lutar pela segurança nacional estadunidense.

Portanto, a narrativa de *O Globo* acerca do processo de paz que se desenrola no país vizinho cumpre a estratégia de legitimação daqueles que se apresentam favoráveis ao pacto e de deslegitimação dos que se opõem a ele, mesmo considerando que em outras estórias tenham se apresentado como antagonistas, porém não obtendo este papel neste momento da narrativa. Desta forma, os protagonistas são, sobretudo, o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, que defendem o alcance da paz; e os antagonistas, na trama, todo o corpo de opositores ao processo de paz.

Contudo, a realidade social e política da Colômbia é construída pelo jornal através da representação desses personagens e seus posicionamentos, que caminham para um desfecho esperado: o fim da guerra naquele país com a concretização do processo de paz e a manutenção do poder por parte do governo atual, o qual liderou o pacto com o guerrilheiro.

Considerações Finais

O embate político-militar entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia ganhou crescente relevância nas mídias no decorrer de sua existência. O conflito atraiu para o país vizinho a atenção da mídia internacional, com atenção à violência que avança pelas fronteiras latino-americanas. Naturalmente, utilizando-se de recursos expressivos de fundo ideológico, *O Globo*, veículo de enorme abrangência, explorou o conflito, de modo a transmitir no seu enquadramento discursivo o encerramento das guerrilhas com a obtenção da paz. Nesta análise, o veículo demonstra apoio à permanência do grupo que lidera o governo, os protagonistas da estória, ou seja, há interesse político, ideológico na manutenção e no fortalecimento do governo de Juan Manuel Santos, que assume o papel de estabelecer a paz na região, com a desmobilização das FARC.

Nas narrativas do jornal, observa-se a legitimação daqueles que se apresentam favoráveis ao pacto e a deslegitimação de seus opositores, que assumem o papel de antagonistas da narrativa. Nesse contexto, os protagonistas são, sobretudo, o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, que defendem o alcance da paz. Outros personagens adjuvantes do protagonista também têm poder de voz na narrativa e atuam, por meio de suas vozes institucionais, para a construção do discurso em favor das conversações de paz. Os demais personagens, que foram caracterizados como opositores do processo, como Álvaro Uribe, tiveram suas vozes depositadas no papel de anti-heróis ao longo dos textos.

O Globo atuou na construção da realidade da América Latina aos olhos do público brasileiro, apresentando o pacto de paz como uma importante ação entre as FARC e o Governo Colombiano para o desenvolvimento econômico do país, numa evidente legitimação do personagem Estados Unidos da América.

Ao final, o narrador ainda chama a atenção para uma nova estória, pois o fim do conflito com as FARC dificilmente irá acabar com a violência no país, “já que o negócio lucrativo da cocaína deu ensejo a gangues criminosas e traficantes perigosos”. Desta forma, o narrador enfatiza que, para a paz reinar na Colômbia, há ainda um longo caminho pela frente, que por certo passa pela narrativa sobre a construção de sentido para a construção da ordem social e cultural da região; para além disso, com reflexo na América Latina.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. 14ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 16ª ed., São Paulo: Loyola, 2008.
- MENDES, Gláucia. **A (re) construção da identidade latino-americana no jornal O Globo: a naturalização do atraso**, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/artigoglaucia.pdf>> Acesso em: 04 de jan. 2018.
- MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. 1. Ed., Editora UnB, 2013.
- O GLOBO. **Colômbia e Farc anunciam acordo histórico de justiça e assinatura de paz em março**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/colombia-farc-anunciam-acordo-historico-de-justica-assinatura-de-paz-ate-marco-17578593>> Acesso em: 04 de jan. 2018.
- O GLOBO. **Colômbia diz não à paz com as Farc**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/colombia-diz-nao-paz-com-as-farc-20222239>> Acesso em: 04 de jan. 2018.
- O GLOBO. **Colômbia e Farc assinam novo acordo de paz sob protestos**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/colombia-farc-assinam-novo-acordo-de-paz-sob-protestos-20532990>> Acesso em: 04 de jan. 2018.
- PÉCAUT, Daniel. **As FARC Uma guerrilha sem fins?** – São Paulo: Paz e Terra, 2010. Disponível em: <<http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/FARC.pdf>> Acesso em: 04 de jan. 2018.
- PEREIRA, Letícia. Colômbia: **As Farc e os diálogos de paz**, 2015. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/farc-e-os-dialogos-de-paz.pdf>>. Acesso em: 04 de jan. 2018.
- SILVA, Barbara. **Os processos de paz entre as Farc-EP e o governo nacional da Colômbia**, 2016. Disponível em: <[http://www.enabed2016.abedef.org/resources/anais/3/1466506541_ARQUIVO_OsprocessosdepazentreasFARC-EPePeoGovernoNacionaldaColombia-BarbaraEllynes\(ABED\).pdf](http://www.enabed2016.abedef.org/resources/anais/3/1466506541_ARQUIVO_OsprocessosdepazentreasFARC-EPePeoGovernoNacionaldaColombia-BarbaraEllynes(ABED).pdf)>. Acesso em: 04 de jan. 2018.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- THOMPSON, John B. **Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VILLA, Rafael; OSTOS, Maria. **As relações Colômbia, países vizinhos e Estados Unidos: visões em torno da agenda de segurança**, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292005000200005>. Acesso em: 04 de jan. 2018.

